

Europa usa 'inflation targets' há 10 anos

Economista sueco é um dos principais teóricos do modelo

Cristina Alves e Ana Paula Baltazar

• O modelo econômico que prevê metas para a inflação vem sendo adotado há cerca de dez anos na Europa. Um dos principais teóricos desse regime é o economista sueco Lars Svensson, professor do Instituto de Estudos Econômicos Internacionais da Universidade de Estocolmo e membro do comitê que escolhe todos os anos o Prêmio Nobel de Economia.

O sistema de meta inflacionária — também conhecido como *inflation target* — foi adotado na Nova Zelândia, em 1989, e depois no Canadá, na Austrália e na Espanha. Todos tinham inflação alta persistente. Inglaterra, Suécia e Finlândia seguiram o exemplo, no início dos anos 90, depois de abandonarem regimes de câmbio fixo, que não estabilizaram a inflação e foram sujeitos a fortes ataques especulativos.

Na Inglaterra, o sistema foi adotado após *déba*cle da libra esterlina, no episódio em que o investidor George Soros embolsou US\$ 1 bilhão apostando contra o Banco da Inglaterra. Com a desvalorização da moeda veio a inflação controlada, mais tarde, pelo plano defendido por Svensson. Segundo o economista, uma meta inflacionária explícita — por exemplo de 2% ao ano, com intervalo de flutuação — é a melhor maneira de atingir inflação baixa e estável, quando o banco central tem independência.

Em 1996, Svensson explicou suas teses no Brasil, em um seminário organizado pelo Instituto de Matemática Pura Aplicada (Impa).

— O regime de *inflation target* prevê que a taxa de câmbio flutue livremente, e a política de juros é voltada para o controle da inflação. Os juros sobem se a meta de inflação estiver comprometida — explica o economista Aluísio Pessoa Araújo, professor da FGV e pesquisador do Impa.

Para Araújo, uma das vantagens desse sistema é que os juros podem cair mais rapidamente quando a inflação estiver controlada. A possibilidade de o Governo adotar metas de inflação como nova âncora para o Real significa o abandono da lógica do plano de estabilização, em que os juros subiram para estimular a entrada de dólares, que deveriam financiar o déficit externo.

— Ao adotar esse regime, o Governo poderia impedir a contaminação que a taxa de câmbio provoca na inflação — diz Araújo.

Já que o Governo quebrou a lógica de defender uma taxa de câmbio, frisa Araújo, ele agora está livre para implantar um novo regime. Só não pode abrir mão do ajuste fiscal para manter sob controle as contas públicas. A meta de inflação tem a vantagem de ser mais facilmente compreendida pelo público do que a meta de câmbio, adotada até recentemente pelo BC. Além disso, os custos de manter uma meta para o câmbio são altos e podem comprometer as reservas.